

APONTAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO: KARL MARX E A EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ESCOLA

*Notes for Education:
Karl Marx and Education Beyond School*

Jean Paulo Pereira de Menezes¹



<https://orcid.org/0000-0003-1417-3626>

200

RESUMO

O artigo apresenta alguns apontamentos sobre aspectos pouco explorados sobre o tema. Trata, a partir de documentos bibliográficos, de aspectos do pensamento marxiano sobre a educação da classe trabalhadora, a partir das experiências políticas nos anos de 1848 e 1849. Esse breve debate introdutório é parte das pesquisas do autor sobre os conceitos de história e método em Marx.

Palavras-chave: Karl Marx. Formação humana. Luta de classes.

ABSTRACT

The article presents some notes on little explored aspects of the theme. It deals, based on bibliographical documents, with aspects of Marxian thought about the education of the working class, based on the political experiences in the years 1848 and 1849. This brief introductory discussion is based on the author's research on the concepts of history and method in Marx.

Keywords: Karl Marx. Human Formation. Class Struggle.

¹ Pós-doutorando em Educação. Programa Nacional de Pós-Doutorado - CAPES/PPGE UEMS - Paranaíba. E-mail: jeanpaulo@uems.br.

Introdução

Em 14 de maio, Karl Heinrich Marx completaria 205 anos. Nasceria em 1818, em Tréveris, Reino da Prússia, parte da atual Alemanha, no Estado da Renânia-Palatinado.

Para quem gosta, trabalha ou reconhece a importância da história, sabe que um pouco mais de dois séculos não é muito tempo. Mas é tempo o suficiente para gerações inteiras serem educadas sem uma perspectiva histórica.

Marx não nasceu vinculado à classe operária. Na cidade em que deu os primeiros passos, nem mesmo existia uma classe proletária desenvolvida. Mas a sua trajetória construída, o fez vincular-se a classe operária do seu tempo.

As ações de Marx, em seu contexto histórico, deram vida ao que conhecemos por marxismo. Uma tradição marxista se levantou, do século XIX até o nosso tempo presente. Nela, podemos encontrar de tudo um pouco, dá mais vulgar a mais sofisticada leitura de Marx. Em seu nome, revoluções foram iniciadas; livros, dissertações, teses (...) muita tinta em papéis impressos; filmes, vídeos, *lives*, muitos caracteres digitais foram distribuídos.

Entretanto, durante todo esse período de 205 anos, aqueles que procuram atacar a perspectiva revolucionária do pensamento de Marx não descansaram um só dia. Desde as releituras reformistas da social-democracia alemã, passando pelas falsificações do stalinismo, até as adaptações oportunistas dos dias de hoje (que procuram humanizar o capitalismo) o pensamento de Marx parece resistir. Em determinado sentido, todas essas tendências falharam. Estamos convencidos da atualidade das contribuições de Marx para pensarmos o nosso tempo, principalmente diante da crise internacional do capitalismo que presenciamos. Ironicamente, uma demonstração empírica dessa atualidade, não vem do movimento operário de nosso tempo, mas da própria burguesia, representada em suas publicações internacionais, como o jornal *Financial Times* e revistas como a *Time*² e a *Der Spiegel*³ (para apontar apenas alguns exemplos, ao lado de

² Em janeiro de 2009, a revista estadunidense publica reportagem especial (GUMBEL, 2009) com o título de capa: “*The World Economy. What Would Marx Think?*” (A Economia Mundial. O que pensaria Marx?).

³ Recentemente, a revista alemã *Der Spiegel* (O Espelho), dedicou sua capa de 30 de dezembro de 2022, para perguntar, retoricamente, se Marx estava correto: *Hatte Marx doch recht?* (Afinal, Marx estava certo?)

milhares de publicações que continuam a buscar em Marx elementos para o entendimento da crise internacional).

Na grande área de Educação, pensada aqui enquanto formação humana que visa a emancipação humana, as contribuições do revolucionário são fundamentais. Ou seja, são contribuições que tratam dos fundamentos da sociabilidade capitalista, fundamentos históricos, muitas vezes negados, ignorados ou mesmo marginalizados, quando da análise do tempo presente. Trataremos aqui de algumas palavras sobre a educação para além da escola formal, sob regência do Estado. Uma perspectiva de formação humana que Marx nos apresenta e que, embora a escola seja absolutamente importante enquanto uma conquista histórica (sendo preciso colocar essa afirmação em uma perspectiva de classe, se não desejarmos reproduzir o idealismo que Marx tanto criticou) ela está longe de ser o único espaço de formação humana, principalmente, quando o “currículo” trata da organização e promoção da ação revolucionária da classe trabalhadora. Neste caso, a escola, como a conhecemos hoje, está distante de ser o espaço central para esse tipo de educação que apontamos aqui.

Todas as inferências que apresentamos neste artigo, está diretamente ligada à nossa trajetória de pesquisa sobre Marx, iniciada em 2011, durante o doutoramento em Ciências Sociais (MENEZES, 2023), até o pós-doutorado em Educação, em andamento há 4 anos, no qual nos detemos sobre o método dialético marxiano e suas contribuições para compreensão do nosso tempo presente (MENEZES, 2022). No trato das fontes documentais e bibliográficas, observamos uma série de elementos importantes do pensamento de Marx, mas que fugiam aos objetivos centrais de nossas pesquisas⁴ naquele momento. Nesse sentido, nos movimentamos em apresentar alguns apontamentos sobre esses aspectos marxianos, localizados no decorrer de nossas investigações, fundamentalmente nos manuscritos de 1847; nos editoriais da Nova Gazeta Renana (*Neue Rheinische Zeitung*) de 1849; na organização desse material por Engels, sob o título “Trabalho Assalariado e Capital”, em 1891 e na organização e tradução de todas essas fontes marxianas realizada no Brasil por Lívia Cotrim. Esperamos contribuir com a apresentação de algumas fontes não tão divulgadas na abordagem do tema.

⁴ Nossa pesquisa, em sua integralidade, pode ser acessada eletronicamente. Ver referências ao final.

A perspectiva de Marx, para além da escola formal

Concordamos sobre a importância histórica da escola, a vitalidade da instrução formal. Em uma palavra: que a educação escolar é absolutamente importante. Mas também entendemos que o conteúdo, o currículo do ensinar é central. Assim, estabelecemos algumas problematizações: o que ensinar e para quem? Quem tem a regência do ensino? Quem organiza o que será ensinado? Considerando que a escola e o currículo expressam a luta de classes sociais antagônicas, torna-se fundamentais essas problematizações.

Pesquisadores comprometidos com essas problemáticas nos ajudam a pensarmos sobre a importância do ensino escolar para os filhos da classe trabalhadora. É o caso de Saviani (2011/2023), ao lado de um conjunto de intelectuais comprometidos em apresentarem uma leitura de possibilidades de acirramento das contradições ainda na sociedade capitalista, não sem polêmicas com outras tradições de pensamento que possuem como referências as contribuições da tradição marxista. Não desdobraremos aqui esse debate por ser o outro, o nosso caminho (os nossos apontamentos) sobre o ensino. Apresentamos algumas palavras sobre a perspectiva de ensino para além da escola formal.

203

A educação, em seu sentido geral, é tão antiga quanto a categoria de trabalho. Se considerarmos a história da humanidade, o advento da escola, de uma educação escolar, representa algo relativamente recente⁵ e com muitas particularidades. A escola que conhecemos hoje é uma sistematização decorrente da revolução industrial do século XIX.

Marx foi um homem do século XIX, nasceu e viveu durante o período clássico dessa revolução industrial. E, como muitos, foi à escola, ao ginásio, com doze anos. Tudo indica que não frequentou a escola básica de seu tempo. Durante a adolescência, estudou no Liceu Friedrich Wilhelm, na cidade Tréveris, até o ano de 1835. No mesmo ano, ingressou na Universidade, em Bonn, no curso de Direito. Transferiu-se para a Universidade de Berlim em 1836 e posteriormente, licenciou-se em Filosofia na Universidade de Jena em 1841.

⁵ Recente se considerarmos uma escala de milhões de anos, que remonta ao início do paleolítico por volta de 3,6 – 2,6 milhões de anos.

Entretanto, a educação formal que teve acesso, não lhe era suficiente para entender determinadas questões sobre o seu tempo presente. Vejamos como ele se refere a essa questão, quando trabalhava no jornal *Gazeta Renana*, em 1842, logo após concluir a sua educação escolar, quando se referia àquele período:

Minha especialidade era a Jurisprudência, a qual exercia contudo como disciplina secundária ao lado de Filosofia e História. Nos anos de 1842/43, como redator da *Gazeta Renana (Rheinische Zeitung)*, vi-me pela primeira vez em apuros por ter que tomar parte na discussão sobre os chamados interesses materiais. As deliberações do Parlamento renano sobre o roubo de madeira e parcelamento da propriedade fundiária, a polêmica oficial que o sr. Von Schaper, então governador da província renana, abriu com a *Gazeta Renana* sobre a situação dos camponeses do Vale do Mosela, e finalmente os debates sobre o livre-comércio e proteção aduaneira, deram-me os primeiros motivos para ocupar-me de questões econômicas. Além do mais, naquele tempo em que a boa vontade de “ir à frente” ocupava muitas vezes o lugar do conhecimento do assunto, fez-se ouvir na *Gazeta Renana* um eco de fraco matiz filosófico do socialismo e comunismo francês. Eu me declarei contra essa remendagem, mas ao mesmo tempo, em uma controvérsia com o *Jornal Geral* de Augsburg (*Allgemeine Augsburger Zeitung*), confessei francamente que os meus estudos feitos até então não me permitiam ousar qualquer julgamento sobre o conteúdo das correntes francesas. Agarrei-me às ilusões dos gerentes da *Gazeta Renana*, que acreditavam que, por meio de uma atitude mais vacilante do jornal, conseguiriam anular a condenação de morte que fora decretada contra ele, para me retirar do cenário público para o gabinete de estudos (MARX, 2005, p. 50-51).

Após essa experiência entre os conhecimentos apropriados pela educação formal e a realidade, a formação de Marx passara por um salto qualitativo significativo, principalmente após o contato com parte da vanguarda socialista na França. Durante esse período, Marx não estudou em nenhuma universidade ou curso formal. Suas investigações se aprofundavam no entendimento⁶ crítico da Economia Política, com fins cada vez mais ligados à perspectiva da classe operária. Ao passo que se vinculava ao proletariado, se distanciava das universidades, como o espaço privilegiado de construção do conhecimento. O “clube dos doutores”⁷ já era algo superado nos anos

⁶ Em perspectiva, o conhecimento de Marx acerca da Economia Política, tendo como referência os anos de 1843/1844, eram bastante avançados nos anos de 1848/1849. Todavia, a sua crítica ainda estava em construção, por exemplo, ainda não fazia distinção entre trabalho e força de trabalho. É apenas em meados dos anos cinquenta que podemos localizar um aprofundamento espetacular de sua crítica, evidenciada nos *Grundrisse* e na publicação em 1859 de “Para a Crítica da Economia Política”. Trajetória que se mantém enriquecendo de determinações durante os anos sessenta, tendo o seu ponto alto com a publicação do volume I de “O Capital: Crítica da Economia Política”, em 1867.

⁷ Grupo berlinense de jovens hegelianos de esquerda do qual Marx fez parte, ao lado de Bruno Bauer, Max Stirner, entre outros, todos objetos de críticas durante os anos de 1845 e 1846, na Ideologia Alemã.

quarenta. Jamais ignorou a educação formal, pois se preocupou com ela de forma crítica, durante toda sua vida. Marx se dedicou a outro tipo de ensino: aquele que atravessa a educação escolar formal. Um ensino com a perspectiva da classe operária, com um currículo voltado para os interesses da realidade em que estava inserida a classe trabalhadora. Mais uma vez, como apontaram em 1848, no Manifesto do Partido Comunista: “Os comunistas não inventaram a intervenção da sociedade na educação; procuram apenas transformar o tipo dessa intervenção, arrancando-a à influência da classe dominante” (MARX, ENGELS, 2003, p. 42).

Continuamos dissertando aqui sobre o ensino, o ensinar, mas em diálogo com uma chave revolucionária. Nesse sentido o conteúdo e a prática de ensino, para Marx, são radicalmente diferentes daquilo que era estabelecido pelas políticas educacionais implementadas pelo Estado e as instituições formais⁸. Esses meios de instrução escolar não estavam direcionados para que o operariado acessasse o conhecimento humano, ainda assim, o conteúdo curricular atendia, como sempre, aos interesses políticos, econômicos e culturais de uma classe social letrada e habilitada para tal ensino. A grande parcela da classe operária, sequer, era alfabetizada, ou mesmo possuía condições materiais para ir à escola de “belas artes”.

Sobre o ensino de um conteúdo em sintonia com os interesses da classe operária, para além da escola formal: os círculos operários.

É comum no campo da esquerda⁹ a expressão formação política. Com o desenvolvimento da tradição marxista, ficou ainda mais comum a expressão formação marxista. Do que se trata, exatamente, essas expressões?

Em linhas gerais, se referem a um tipo de educação não formal, onde se localiza, em tese, um conteúdo de caráter classista e revolucionário, destinado aos trabalhadores na sociedade capitalista. Evidentemente, essa perspectiva recebe o repúdio de parte dos intelectuais da burguesia,

⁸ Michael Heinrich, em sua biografia, “Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna” (HEINRICH, 2018, p. 108-130), apresenta aos leitores um debate sobre as reformas educacionais na Prússia, a nosso juízo, absolutamente importante para aqueles que procuram entender as políticas educacionais na época de Marx.

⁹ Nos dias de hoje, essa expressão é bastante vaga e recorrentemente vazia de determinações. Aqui, a utilizamos no sentido de uma perspectiva revolucionária, ou, seja, uma esquerda que reivindica as contribuições revolucionárias inauguradas por Marx e os revolucionários de seu tempo.

professores, deputados e políticos de toda sorte, principalmente por aqueles que defendem uma suposta educação neutra, imparcial e sob o controle do Estado.

Marx nunca ministrou um “curso de formação marxista”, nem mesmo escreveu uma proposta curricular (como conhecemos hoje) para a escola formal. Todavia, nos legou um conjunto de experiências em relação ao acesso do conhecimento historicamente acumulado. Através¹⁰ de uma perspectiva de classe, se ocupou em produzir e ensinar um conhecimento sobre a realidade, direcionado à classe trabalhadora do seu tempo. Trata-se de um aspecto ainda pouco estudado pela tradição marxista no Brasil.

Nos referimos as várias conferências que Marx desenvolveu e ministrou a partir das suas pesquisas. Atenção: tudo isso para além da escola formal. Estamos convencidos de que a exequibilidade desse tipo de educação, de formação que visa a emancipação humana, é uma realidade concreta até hoje. Mais uma vez, não se trata de negar a educação formal (o próprio Marx também se preocupou com a educação pública mais de uma vez em seus textos), mas da afirmação categórica de que a formação humana, de caráter revolucionário, se dá fora dos círculos institucionais do Estado burguês.

Não há uma única pesquisa de Marx, após os seus estudos formais, que tenha sido realizada sobre os auspícios do Estado, ou qualquer tipo de parceria com o capital. Toda a sua pesquisa de crítica à Economia Política se deu a partir da militância revolucionária. Defendemos a tese de que é exatamente por esse motivo (um motivo central, ao lado de muitos outros) que as contribuições de Marx ganharam tamanha potência histórica.

Essa perspectiva de pesquisa e ensino, não foi refém dos penduricalhos intelectuais, típicos dos trabalhos burocráticos e de relações de subserviência que se reproduziam nas instituições de ensino no século XIX (e mesmo atualmente). Os educadores de hoje, mesmo aqueles que se vinculam, de alguma forma, a essa tradição marxista, muitas vezes, estão presos ao currículo formal, as relações burocráticas do reprodutivismo escolar, distanciando-se vertiginosamente da realidade do aluno, da educação infantil aos pós-doutorado. Marx nos aponta outro caminho (*Weg*).

¹⁰ A palavra “através”, “que se pode atravessar” (HOUAISS, 2009) é utilizada em nosso estudo, quando se refere à Crítica de 1859 de Marx, propositalmente no sentido etimológico latino de “*trāvērsus*” (FARIA, 1954, p. 1015), atravessado, que atravessa por. Através, aqui em nosso artigo, é atravessar constantemente, é movimentar-se através de um ponto.

Diferente do que se pode imaginar hoje, Marx não era um pesquisador, com doutorado em Filosofia, com dedicação exclusiva em algum departamento de pós-graduação, com algum tipo de bolsa produtividade. Existe uma dimensão do pensamento marxiano, um aspecto, ainda pouco explorado no Brasil, sobre a sua concepção de pesquisa e ensino. É recorrente observarmos parte da tradição marxista, nas universidades (minoridade absoluta), se esforçarem para adaptar a perspectiva marxiana a uma proposta de ensino nos moldes da institucionalidade do Estado burguês. Marx escreve para o grupo social-democrata alemão da cidade de Eisenach sobre a educação estatal, ao apresentar sua crítica aos lassalianos que se reuniram no Congresso de Gotha em 1875:

Absolutamente condenável é uma “educação popular sob incumbência do Estado”. Uma coisa é estabelecer, por uma lei geral, os recursos das escolas públicas, a qualificação do pessoal docente, os currículos etc. e, como ocorre nos Estados Unidos, controlar a execução dessas prescrições legais por meio de inspetores estatais, outra muito diferente é conferir ao Estado o papel de educador do povo! O governo e a Igreja devem antes ser excluídos de qualquer influência sobre a escola. No Império prussiano-alemão (e não se escapa da questão com o cômodo subterfúgio de que se trata de um “Estado futuro”; já vimos no que este consiste), é o Estado que, ao contrário, necessita receber do povo uma educação muito rigorosa (MARX, 2012, p. 46).

Uma adaptação de Marx ao currículo do Estado, ao ensino, pesquisa e extensão, supostamente repleta de boas intenções é recuar às propostas lassalianas¹¹ do pré-congresso de Gotha de 1875. Essa compreensão não possui nenhuma relação com o pensamento de Marx. Também repleta de contradições, é incapaz de romper com a lógica de reprodução daquilo que é estabelecido pela classe dominante, contentando-se com resultados pontuais sobre os indivíduos educados, sem promover transformações na relação entre as classes sociais, uma vez que deposita no Estado a tarefa de dirigir o ensino da classe trabalhadora e de seus filhos. Nesses casos, alimenta-se o idealismo do qual Marx tanto criticou. Mesmo nos casos em que essa produção, esse “estado da arte”, se dê com “todo amor que houver nessa vida”, ela não é capaz de mover a realidade da luta de classes, no sentido da emancipação humana¹².

¹¹ Lassalianos: grupo político inspirado no pensamento de Ferdinand Lassalle.

¹² Para os leitores interessados em avançar nesse debate, o artigo de Ivo Tonet é uma importante entrada no tema. Nos referimos ao texto: “Educação e idealismo “Eu Amo Minha Tarefa como Educador/a!!!” (TONET, 2020).

Para além do Estado, Marx se preocupava em promover, junto aos operários, uma série de intervenções destinadas ao ensino informal, através de conferências, com o propósito de desvelar a realidade em que estava inserida a classe operária. Desde 1847, a preocupação em apresentar a crítica que vinha desenvolvendo sobre a sociedade capitalista, é um aspecto que o acompanhou dos anos quarenta até os seus dias finais.

É possível localizar a preocupação com a formação da classe operária, a partir das conferências na Bélgica em 1847, junto a Associação dos Operários Alemães de Bruxelas (*Deutschen Arbeiterverein*). Essas conferências se desdobraram em artigos, publicados durante as Revoluções de 1848-1849, na Nova Gazeta Renana (*Neue Rheinische Zeitung*), dirigida por Marx em Colônia (Prússia). Esse material foi organizado, muito tempo depois por Friedrich Engels, em 1891, sob o título: Trabalho Assalariado e Capital (*Lohnarbeit und Kapital*)¹³. Conforme o editor brasileiro, vejamos como apresenta, em nota, esse período e esse material:

A Associação dos Operários Alemães de Bruxelas foi fundada por Marx e Engels no final de agosto de 1847, com vista a dar uma formação política aos operários alemães residentes na Bélgica e a fazer propaganda entre eles das ideias do comunismo científico. Sob a direção de Marx e Engels e dos seus colaboradores, a Associação tornou-se um centro legal de agrupamento dos proletários revolucionários alemães na Bélgica. Os melhores elementos da Associação faziam parte da organização de Bruxelas da Liga dos Comunistas. A atividade da Associação dos Operários Alemães de Bruxelas terminou pouco depois da revolução burguesa de fevereiro de 1848 em França, em virtude da prisão e da expulsão dos seus membros pela polícia belga (Nota do Editor, In: MARX, 2010, p. 19).

208

Expulso de Paris em 1845, “em consequência duma ordem de expulsão do sr. Guizot” (MARX, 2005, p. 52), Marx solicita asilo ao governo da Bélgica. Se estabelece em Bruxelas e junto a Jenny von Westphalen e Engels, consolidará o salto revolucionário em sua perspectiva. É desse mesmo período a publicação de *A Sagrada Família*, a criação do Comitê de Correspondência Comunista, a aproximação com a Liga dos Justos, a fundação da Liga dos Comunistas, a criação da Associação dos Operários Alemães de Bruxelas, a escrita da Ideologia Alemã, do Manifesto do Partido Comunista, das Teses contra Ludwig Feuerbach e a sua concepção da história

¹³ Trata-se dos editoriais, escritos por Marx com esse mesmo título, publicados na Nova Gazeta Renana nos dias 5, 6, 7, 8 e 11 de abril de 1849.

(*Geschichtsauffassung*). Uma das condições imposta pelo governo belga era a de que Marx não se envolvesse com a política, evidentemente, a ordem foi profundamente ignorada.

Entre as várias atividades políticas em Bruxelas, uma preocupação marcante dos revolucionários era exatamente a educação da classe operária. Para isso, várias associações foram fundadas. Nelas, atuavam os revolucionários junto aos trabalhadores alemães, belgas e de outras nacionalidades. Os biógrafos de Marx se referem a Associação dos Operários, Associação Democrática Internacional, a Associação Educacional dos Trabalhadores Alemães de Bruxelas, a Associação Geral dos trabalhadores alemães, entre outras¹⁴. Essas Associações eram espaços políticos onde atuavam os revolucionários organizados pelo Comitê de Correspondência Comunista, a Liga dos Justos, e, posteriormente, a Liga dos Comunistas e nos anos de 1864, a Associação Internacional dos Trabalhadores (a I Internacional)¹⁵.

A tradição de organizar associações para a educação da classe operária não foi uma invenção dos socialistas na Bélgica, pois muito antes, as associações educacionais já se faziam presentes na Europa. É o caso da “Associação Educacional dos Trabalhadores Alemães” (*Deutsche Arbeiterbildungsverein*) criada por Karl Schapper em Londres em 1840. Todavia, a associação fundada por Marx e Engels em 1847, a “*Deutschen Arbeiterverein*”, possuía algo para além das tradicionais associações operárias: uma perspectiva de socialismo científico¹⁶.

Nessa associação promoviam-se encontros semanais, onde eram ministrados cursos, aulas, conferências, poesia, música, etc. Na Associação dos Operários Alemães de Bruxelas, as atividades ocorriam às quartas-feiras e domingos. As atividades dominicais eram destinadas à arte e

¹⁴ Observamos uma pequena confusão por parte de alguns biógrafos ao referirem-se a essas associações, confundindo muitas vezes, a Associação Democrática de Bruxelas com a Associação Fraternal de Londres. Nos interessa aqui, apenas ressaltar a existência de um número significativo delas, como espaço de atuação dos revolucionários e organização da classe operária. Em muitas delas, não era composta apenas de operários e nem sempre possuíam uma perspectiva nitidamente revolucionária. Embora Marx e Engels tenham participado de outras associações, o nome correto da associação fundada em agosto de 1847 por eles em Bruxelas é “Associação dos Operários Alemães” (*Deutschen Arbeiterverein*). Para uma rápida leitura acerca das associações, anteriores a 1847, sugerimos a *Historisches Lexikon der Schweiz* (BÜRGI, 2023).

¹⁵ Observem que a I Internacional, de 1864, é também uma associação.

¹⁶ O conceito de “socialismo científico”, no século XX, recebeu por parte hegemônica da tradição marxista, um estatuto epistemológico muito distante de Marx e muito mais próximo de Kant, Comte, Durkheim e Weber. De nossa parte, nos referimos apenas à perspectiva histórica, a partir de uma lógica dialética, de Marx quando da análise e caracterização da realidade social capitalista. Perspectiva essa, difusa em toda a sua obra, principalmente a partir de 1845, enriquecida de determinações ao longo da sua vida de estudos e militância.

divulgação cultural de vários tipos. Franz Mehring, referindo-se a propaganda revolucionária em Bruxelas, mesmo que de modo muito geral, nos ajuda a entender a atuação das associações:

O procedimento destas associações era o mesmo em todos os lugares: um dia da semana estava reservado para discussões e outro para o intercambio social (canto, poesia etc.); junto às associações foram fundadas bibliotecas em todos os lugares, e organizadas, onde possível, cursos para instruir os trabalhadores nos princípios elementares do comunismo (MEHRING, 2014, p. 164).

Todas essas atividades eram debatidas e deliberadas com uma semana de antecedência. Jenny von Westphalen tinha um papel central na organização dessas atividades na Associação Operária de Bruxelas. Estamos convencidos, em tese, de que a sua direção foi um dos elementos responsáveis pela participação das mulheres nas atividades da Associação.

Marx, através de suas conferências na Associação, tendo como principal interlocutor os trabalhadores operários, se preocupava em ensinar categorias centrais da Economia Política, resultado de suas investigações iniciadas nos anos quarenta. As conferências funcionavam como uma prática de ensino não formal, cujo conteúdo ensinado tratava de explicar como funcionava a sociedade capitalista. Em alguma delas, tratava-se do livre-câmbio, e outros elementos centrais da economia capitalista. Daquilo que chegou até nós, através das fontes documentais e bibliográficas, sobre suas conferências, Marx parte de uma categoria central para os operários: o salário¹⁷. Entende que:

O salário não é uma forma acidental da produção burguesa, mas toda a produção burguesa é forma histórica e transitória da produção. Todas as suas relações, tanto o capital como o salário, a renda da terra etc., são transitórias e suprimíveis em um determinado ponto do desenvolvimento (MARX, 2020, p. 581).

A partir de um elemento fenomênico a todos os trabalhadores, Marx desenvolve uma explicação para além da aparência das coisas. Trata-se de uma preocupação pedagógica e de uma expressão de coerência fundamental entre estudos e militância, poderíamos dizer, entre pesquisa e ensino para além das instituições formais.

¹⁷ As anotações que Marx fizera para as conferências de 1847 e que lhes serviram para a escrita dos artigos publicados em 1849 na Nova Gazeta Renana, foram traduzidos e organizados pela pesquisadora brasileira Lívia Cristina de Aguiar Cotrim e podem ser acessados em dois volumes que reúnem os textos de Marx e Engels entre os anos de 1848-1849. Esse material fora publicado pela editora Expressão Popular (MARX, 2020).

Esse tipo de ensino está conectado a ação política que postula um caráter emancipatório dos trabalhadores na sociedade de classes, pois visa o entendimento da realidade, se apropriando do conhecimento racional e lógico, ao mesmo passo em que se estabelece a atuação política organizada da classe operária. Trata-se de uma prática de ensino que não deposita no futuro a ação revolucionária dos trabalhadores, mas que visa a ação transformadora no tempo presente. A própria existência desse tipo de educação se dá exatamente para esse fim: a ação revolucionária dos comunistas. As conferências, a Associação, os operários, os militantes já organizados na Liga e que atuavam na Associação, fazem parte de uma mesma totalidade, com o objetivo de organizar a classe operária. Aquilo que se debatia era a expressão direta daquilo que se vivia no presente. Não há separação epistemológica entre teoria e prática, entre o que se investigava e aquilo que se ensinava através da militância. Postulamos ser nesses aspectos que reside uma grande contribuição para a educação, enquanto formação que visa a emancipação humana, da classe trabalhadora. Uma perspectiva que ensinará para além dos fenômenos, as raízes da sociabilidade burguesa, da exploração e opressão, as quais a educação formal do Estado, jamais conseguiria propor. Temos assim, uma educação de perspectiva revolucionária, que se vincula, necessariamente, aos interesses da classe operária. Que é propositiva não apenas do entendimento da realidade, mas da ação transformadora dessa mesma realidade. Isso demonstra a diferença entre uma prática de ensino preocupada em apenas se apropriar do conhecimento historicamente acumulado (o que por si, já não é pouca coisa) e a prática¹⁸ de ensino que se preocupa em se apropriar do conhecimento sobre a realidade e ao mesmo passo promover a luta organizada para a sua superação. Essa era a proposta dos comunistas e que Marx defendia.

Em suas anotações de 1847, traduzidas por Livia Cotrim, Marx inicia da seguinte forma os seus apontamentos:

[A]

Já explicado:

1. Salário = preço da mercadoria.

Portanto, a determinação do salário em geral não difere da determinação geral dos preços.

Atividade humana = mercadoria.

A exteriorização da vida — a atividade vital aparece como mero meio; a existência dissociada dessa atividade, como finalidade.

2. Como mercadoria, o salário depende da concorrência, da oferta e da procura.

¹⁸ Aqui, como ação efetivamente transformadora. A palavra que melhor expressa esse sentido é práxis.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol. 23, n. 10, p. 200-225, jan/dez 2023.

3. A própria oferta depende dos custos de produção, isto é, do tempo de trabalho necessário para produzir uma mercadoria.
4. Relação inversa entre lucro e salário. Antagonismo entre as classes cuja existência econômica são o lucro e o salário.
5. Luta por aumento ou diminuição do salário. Associações operárias.
6. Preço médio ou normal do trabalho; o mínimo, vale só para a classe dos trabalhadores, não para os indivíduos. Coalizão dos trabalhadores para manutenção do salário.
7. Influência sobre o salário da supressão dos impostos, direitos alfandegários, diminuição do exército etc. Em média, o mínimo é determinado = preço dos meios de subsistência necessários (MARX, 2020, p. 565).

Ao analisarmos todo o material, observamos que Marx está expondo os seus estudos críticos sobre a Economia Política. E, não o faz como um acadêmico, ou um intelectual aos moldes professorais, mas como uma tarefa de militância, como um dirigente revolucionário. O texto segue tratando de “aditamentos” (MARX, 2020, p. 565), sobre o trabalho dos tecelões; problematizando “o efeito do crescimento das forças produtivas sobre o salário” (MARX, 2020, p. 570), sendo esta a maior parte dos manuscritos, apresentando ainda uma seção sobre “As associações de trabalhadores” (MARX, 2020, p. 581).

212

Observamos que esse é um material típico daquele que está preparando uma aula, uma conferência, algum tipo de exposição de um determinado conteúdo. Neste caso, trata-se de anotações destinadas à exposição e debate junto aos operários em Bruxelas. Uma atividade educativa da Associação, que visava desvelar a realidade de exploração da classe trabalhadora e para isso parte da realidade direta sobre o salário e o capital. O conteúdo da conferência está diretamente ligado à vida imediata, ou seja, o que se ensinava na Associação vinculava-se a realidade do presente. Essa preocupação com o ensino crítico do presente foi um aspecto importante das intervenções dos revolucionários junto aos operários. Diferenciando-se radicalmente daquelas perspectivas que delegavam ao futuro qualquer tipo de ação política, qualquer tipo de transformação da realidade. Sobre essa perspectiva, escreverá Marx, na Nova Gazeta Renana, logo em seu segundo dia de funcionamento, em 2 de junho de 1848:

Precisamos nos prevenir diretamente contra aqueles amigos hipócritas que, com efeito, se dizem de acordo com o princípio, mas duvidam da possibilidade de sua realização, porque o mundo não está maduro para ele; não pensaram de modo algum em torná-lo maduro, preferindo, nesta perversa existência terrestre, compartilhar do destino geral da perversidade. Se são estes os criptorrepublicanos

que o conselheiro áulico Gervinus tanto teme, concordamos com ele de coração: Estas pessoas são perigosas (MARX, 2020, p. 80).

A organização da classe operária e o atendimento das suas demandas não deveria aguardar o futuro. Mais do que isso, para além das demandas mais imediatas da classe operária, tratava-se de não delegar ao futuro a superação de toda aquela forma de sociabilidade, tratava-se de uma perspectiva revolucionária no sentido de abolir a sociedade de classes e o sistema de assalariamento. Evidentemente, essa perspectiva de formação humana, jamais seria efetivada fora dos círculos operários. O que propunha o Estado era exatamente o oposto.

Nesse sentido, as associações de trabalhadores eram fundamentais, pois possibilitavam à classe operária um tipo de formação que não lhes era sequer aventada pelo Estado. Embora os números fossem modestos, a atuação revolucionária organizada, cravava na sociedade de classes um princípio educativo extraordinário, desnudando o antagonismo entre trabalho assalariado e capital.

A intervenção de Marx, em 1847, tratou da importância das associações de trabalhadores como forma de união operária, fundamental diante do capital. Tratava de apresentar como os economistas da burguesia temiam essa união, aquelas associações, do ponto de vista do capital. Entretanto, da perspectiva da classe operária, as associações possuíam significado totalmente oposto, pois eram ferramentas da luta organizada e possibilitavam, para além da própria associação, a atuação política revolucionária, ainda mais sistematizada, através dos partidos revolucionários, seja junto ao Comitê de Correspondência Comunista, a Liga dos Comunistas e mesmo mais tarde, na Associação Internacional dos Trabalhadores. Vejamos como esse material de 1847 se refere às associações:

1. As associações de trabalhadores

Um aspecto da teoria da população era que ela pretendia diminuir a concorrência entre os trabalhadores. As associações, ao contrário, têm o objetivo de a *suprimir* e em seu lugar instituir a *união* entre os trabalhadores (MARX, 2020, p. 581).

Após essa afirmação categorial sobre a importância das associações, o material apresenta aos operários o posicionamento contrário, por parte dos intelectuais do capital, que procuravam justificar o quanto as associações eram ruins para os trabalhadores que se congregavam. Marx segue de forma crítica, demonstrando o antagonismo de classe aos operários:

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol. 23, n. 10, p. 200-225, jan/dez 2023.

3. Todas essas objeções dos economistas são, como dissemos, corretas, mas corretas somente de seu ponto de vista. Se nessas associações se tratasse realmente apenas daquilo de que aparentemente se trata, a saber, da determinação do salário, se a relação entre trabalho e capital fosse eterna, essas coalizões fracassariam sem sucesso diante da necessidade das coisas. Mas elas são o meio de união da classe trabalhadora, de preparar a derrubada de toda a velha sociedade com seu antagonismo de classes. E desse ponto de vista os trabalhadores riem com razão dos pedantes mestres-escolas burgueses, que lhes calculam o custo dessa guerra civil em mortos, feridos e sacrifícios monetários. Quem quer derrotar o inimigo não vai discutir com ele os custos da guerra. E quão pouco mesquinhos são os trabalhadores demonstra ao próprio economista o fato de que a maior parte das coalizões são obra dos trabalhadores fabris melhor pagos e que os trabalhadores destinam tudo o que podem sacrificar de seu salário à criação de associações políticas e industriais e a financiar [os custos] esse movimento. E se os senhores burgueses e seus economistas, em momentos filantrópicos, são magnânimos o suficiente para incluir no mínimo de salário, isto é, de vida, um pouco de chá, ou rum, ou açúcar e carne, deve lhes parecer, ao contrário, tão escandaloso quanto inconcebível que os trabalhadores incluam nesse mínimo um pouco dos custos da guerra contra a burguesia e que até mesmo tenham em sua atividade revolucionária o máximo de fruição de sua vida (MARX, 2020, p. 582).

Como apontamos, esse material, essas anotações, que chegaram até nós na forma de manuscritos, foram utilizados por Marx como suporte para a organização de editoriais do jornal Nova Gazeta Renana, publicados nos dias 5, 6, 7, 8, e 11 de abril de 1849. Engels publicara esse conjunto de textos em 1891, e nos legou um prefácio bastante instrutivo sobre o papel da militância de ambos na educação revolucionária junto aos operários naquela época. Entendemos que para além do conteúdo explícito no documento em fins de dezembro de 1847, esse tipo de fonte, contribui para refletirmos sobre a educação para além dos espaços formais de instrução escolar. Entendemos ainda que o suporte de Marx não se restringe às suas anotações às conferências de Bruxelas, mas todo o acúmulo de formação política, de educação, que visava a emancipação humana a partir da luta no presente. Perspectiva essa que lhe acompanha quando de seu regresso à Prússia. Muitos dos revolucionários que se organizavam na Liga dos Comunistas, ao retornarem à “Alemanha” levavam consigo esse acúmulo da experiência internacionalista na Bélgica, e, é claro, a experiência junto aos círculos operários, através das associações, clubes, revistas e jornais. Instrumentos fundamentais para a realização da agitação e propaganda diante da luta de classes. Assim, o percurso histórico, desses nossos apontamentos, nos conduz à Alemanha (*Deutschland*¹⁹).

¹⁹ Embora o Estado-nação Alemanha, unificada, seja um evento datado de 1871, a expressão “*Deutschland*” antecede esse fato histórico. O Dicionário alemão de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm, registra a existência dessa expressão, com Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol. 23, n. 10, p. 200-225, jan/dez 2023.

Em fevereiro de 1848 a Europa começa a queimar (já havia fogo desde 1830). Iniciando pela França, as notícias da revolução chegam rapidamente à Bélgica. O trem que saía de Paris a Bruxelas era o veículo mais rápido de informação dos acontecimentos. A agitação francesa causava temor no governo belga. Manifestações ocorreram na *Grand Place* (Grade Praça, o centro de Bruxelas), e a polícia não deixou cumprir a sua natureza histórica: reprimiu os manifestantes. Os alemães foram culpabilizados pelas manifestações. Marx foi acusado de fornecimento de dinheiro para compra de armas. Tratava-se de aproveitar do momento para se livrar dos revolucionários da Liga dos Comunistas em Bruxelas. Nesse episódio, muitos foram expulsos do país, embora outros já tivessem se direcionado à Paris revolucionária. Marx foi preso por conta da acusação de financiamento dos revolucionários para a compra de armas. Jenny von Westphalen e outros militantes procuram ajuda para tirar Marx da prisão e acaba, ela, sendo presa também. Uma vez libertos, são expulsos da Bélgica com um prazo de dois dias para abandonarem o país. A França havia derrubado a monarquia e a instituição do governo provisória anulava as determinações de exílio. Marx e os demais revolucionários são bem-vindos à Paris.

Os revolucionários alemães se reúnem na capital francesa para estabelecerem um plano de retorno à Alemanha. No que diz respeito aos membros da Liga dos Comunistas e a sua atuação revolucionária, não existia uma convergência sobre o que fazer. Uma parcela pretendia formar uma legião armada para ocupar o território (Georg Herwegh representava essa tendência). Uma segunda, propunha que os membros retornassem à Alemanha com o objetivo de se infiltrarem publicamente nas organizações democráticas já existente, com o objetivo de representarem os interesses dos trabalhadores. Existia ainda uma outra parcela que defendia que o retorno fosse com o objetivo de fundar partidos comunistas na Alemanha, agitando de imediato um programa revolucionário, para os operários, já desenvolvido pela Liga dos Comunistas (Stephan Born era seu principal representante). O resultado foi a fragmentação da Liga dos Comunistas e um verdadeiro esfacelamento da organização e a sua dissolução.

Marx era um dos dirigentes que representava a segunda tendência. Ele e Engels fundaram em Paris o Clube Comunista Alemão, opositores da proposta de Herwegh e Mikhail Bakunin, com o objetivo de organizar o retorno. Conseguiram reunir algumas centenas de trabalhadores e

outra grafia (*Diutischlant*) desde o século XII, sendo, a partir do século XVI, com mais frequência no sentido de povo alemão.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol. 23, n. 10, p. 200-225, jan/dez 2023.

retornaram à Alemanha, ainda assim, dispersos por várias regiões. Marx se dirige à cidade de Colônia e se integra a Sociedade Democrática de Colônia, dirigida por simpatizantes da Liga dos Comunistas. Funda também o jornal Nova Gazeta Renana.

A existência e organização das associações na Prússia é um pouco mais complexa em relação ao que comumente se apresenta. A versão simplificada e pobre, afirma que Marx ao chegar em Colônia, funda a Associação dos Operários de Colônia e o jornal Nova Gazeta Renana. Infelizmente, a história é mais complexa. Diferente da Bélgica, onde de fato Marx, Engels e Jenny fundaram uma associação, na Renânia de 1848, elas já existiam. Marx, Engels e posteriormente Jenny, tratarão de se integrar a elas.

Embora exista uma rica bibliografia que trata desse período, como a biografia de Marx escrita por Franz Mehring e a biografia de Engels, recentemente publicada no Brasil, escrita por Gustav Mayer, nos apoiamos também em fontes documentais pouco divulgadas no Brasil, sem tradução para a língua portuguesa. Nos referimos aos dois volumes da Revista do Instituto Marx e Engels de Moscou, que nos apresenta documentação referente aos anos de 1926 e 1927. Entre essas publicações, nos referenciamos para compreender a complexa organização das associações em Colônia, o ensaio de Ernst Czóbel sobre “Associação dos trabalhadores de Colônia 1848/49”²⁰. Em seu texto, o pesquisador apresenta um debate, também em forma de apontamentos, a partir das pesquisas disponíveis até aquele momento e problematiza a necessidade de aprofundamento em relação as investigações históricas sobre aquele momento de 1848/1849 em Colônia. Inclusive, problematiza uma série de limites em relação as biografias de Mayer e Mehring, considerando novas abordagens (não sem limites) de Stein sobre as associações.

Em relação aos nossos apontamentos aqui, nos interessa considerar que Marx ao chegar em Colônia, já se depara com um conjunto de associações, de modo geral identificadas como a Democracia de Colônia (*Kölner Demokratie*) e que se opunha ao governo prussiano. Essa Democracia de Colônia é apresentada por Mehring como se estivesse dividida em outras três grandes associações: A Sociedade Democrática (*Demokratische Gesellschaft*); a Associação de

²⁰ A revista do Arquivo Marx-Engels (publicada na Alemanha), do Instituto Marx-Engels em Moscou, editado por David Riazanov, nos disponibiliza um conjunto de textos dos anos 1926-1927 e que contribui para entendermos de forma crítica esse momento histórico sobre as associações em Colônia. Nos referimos, especificamente, ao texto publicado no volume I, por Ernst Czóbel: *Der Kölner Arbeiterverein 1848/49*” (Associação dos trabalhadores de Colônia 1848/49), (CZÓBEL, 2023, p. 429).

Trabalhadores (*Arbeiterverein*); e, a Associação de Empregados e Trabalhadores (*Verein für Arbeitgeber und Arbeiter*). Ernet Czóbel problematiza essa interpretação de Franz Mehring: “*Mehring apresenta como uma unidade ideal e política, sob a liderança de Marx, que fora dividida por questões técnicas e organizativas*” (CZÓBEL, 2023, p. 431).

O artigo de Ernet, apoiado em suas fontes de investigação, apontam para outro sentido, o de não existir uma unidade entre as associações, e sim um permanente conflito entre elas. É o caso da Associação dos Trabalhadores, fundada por Gottschalk e a Sociedade Democrática, na qual se encontrava Marx. Acreditamos ser importante essas problematizações, pois apresentam os limites de atuação unificada entre os revolucionários e expressam as suas diversas matizes políticas diante desse período revolucionário. Trava-se uma luta tremenda entre os revolucionários. Os marxistas buscavam a direção da Associação dos Trabalhadores, e sobre a direção de Marx, conseguiram. Após o governo decretar a prisão de Gottschalk, Marx assume a direção dessa associação em 9 de outubro de 1848. No início de 1849, Schapper assumirá a direção da Associação dos Trabalhadores. Todo esse processo expressava que a perspectiva de educação política dos trabalhadores se efetiva distante de romantismos educacionais. Tratava-se da luta de classes e isso não se efetiva sem conflitos entre as classes e as suas frações de classe. É necessário consideramos que os revolucionários ligados a Marx atuavam simultaneamente em várias dessas associações.

217

Observamos a permanência da atuação política acumulada com os trabalhos da Associação dos Operários de Bruxelas em território prussiano. A preocupação com a formação política dos trabalhadores se mantém como um princípio educativo revolucionário, agora, no calor de um processo insurrecional em andamento. As conferências aos operários continuaram existindo, no mesmo passo que as barricadas (estudos e militância, inseparáveis). O jornal era o amplificador das propostas das associações, levando para além da cidade (e seus arredores) uma perspectiva crítica aos revolucionários alemães e mesmo de outras partes da Europa em chamadas (existia a prática de troca de jornais entre os revolucionários, como ato de solidariedade e de integração das lutas que ocorriam pelo continente).

Quando da publicação dos textos em 1848 e 1849 na Nova Gazeta Renana, Marx continua a se preocupar com o caráter de formação dos revolucionários e isso tudo diante de um período de agitação das lutas, que conhecemos hoje por “Primavera dos Povos de 1848”.

Observamos que a educação dos trabalhadores estava para além da escola formal. Nesse caso, além de aulas, conferências, etc. é através da intervenção direta na realidade que a ação educativa se efetiva. Diante desse trabalho educativo da classe, o jornal também se estabelece como um instrumento fundamental. O jornal se mostrou uma ferramenta central no trabalho de formação política da Associação em Colônia. É com ele que Marx continuará a atuar sobre a educação revolucionária dos trabalhadores alemães, até o último momento da Nova Gazeta Renana. Não se tratava de fundar um jornal como substituto para a educação formal. É preciso entender que essa perspectiva de educação, que visa se apropriar do conhecimento organizando-se para transformar a realidade social, já era colocada em ação desde a criação do Comitê de Correspondência Comunista em 1846. Neste momento histórico (1848-1849), o jornal em Colônia transformou-se em um espaço de ação revolucionária²¹ e educação permanente que expressava²² os interesses do proletariado na revolução e na contra revolução alemã. Livia Cotrim, mais uma vez, nos ajuda a entender essa perspectiva de atuação das associações, especificamente, a de Colônia, quando da atuação de Marx:

Com o objetivo de consolidar a Associação, Marx, Schapper e outros procederam, em janeiro e fevereiro de 1849, à sua reorganização. Em 25 de fevereiro, foi adotado um novo estatuto, no qual foi estipulado como tarefa principal da Associação "a formação dos membros no sentido político, social, científico, por meio da aquisição de livros, jornais, panfletos e por meio de palestras e discussões científicas" (COTRIM, 2007, p. 271).

218

Esse aspecto nos permite afirmar um traço marcante de continuidade nas ações educativas dos revolucionários, para além da escola oficial e não se limitando em uma prática de ensino apenas nas atividades das associações de trabalhadores, estendendo-se também aos jornais, em seus

²¹ As associações, os jornais, os clubes, eram espaço de atuação consciente dos revolucionários. As propostas de fundações desses espaços, quando da perspectiva marxiana, era justamente para que os militantes revolucionários atuassem junto aos trabalhadores, promovendo a sua captação para o partido e o movimento revolucionário.

²² Embora o nome do jornal trouxesse como subtítulo “órgão da democracia” e não órgão do proletariado, a unidade com parte dos democratas não durou muito tempo, considerando a radicalização do jornal diante da realidade. David Riazanov escreve o seguinte comentário sobre esse fato, se ancorando em Engels: “Declara que não existia nenhuma organização proletária e que somente se poderia agir por dois caminhos: ou empreender desde os primeiros dias a organização de um partido comunista, ou então utilizar as organizações democráticas existentes, agrupá-las em uma única organização, realizar nela a propaganda necessária e atrair as diferentes sociedades operárias” (RIAZANOV, 125).

aspectos organizativos da classe trabalhadora (como no caso de Colônia, durante as revoluções de 1848), agitação e propaganda dos revolucionários²³.

Estavam realizando uma revolução e o jornal era um instrumento dos revolucionários para manter uma perspectiva de educação durante o conjunto de ações políticas na Prússia daquele momento, principalmente diante do fato de serem os revolucionários comunistas, a minoria dos envolvidos nesse processo político²⁴.

Talvez esse seja um dos motivos fundamentais para entendermos porque esse período da história de Marx, que se estende de 1847 a 1849, seja um momento ignorado ou mesmo negligenciado por grande parte dos estudiosos e mesmo da atual esquerda brasileira. Esse caráter radical da perspectiva marxiana, junto a outros dirigentes revolucionários, as barricadas, o combate diário, mortes, prisões, etc. típicos de uma situação revolucionária, seja pujante demais para grande parte dos revolucionários dos séculos XXI.

Marx mantém a preocupação com a educação da classe operária, mesmo no calor revolucionário de 1848-1849, pois essa possui um significado distinto, trata-se, mais uma vez, de não promover uma separação epistemológica entre teoria e prática, entre estudo e militância, ou ainda: a formação humana se vincula diretamente com a ação política revolucionária (não se trata de qualquer formação humana). Vejamos como o artigo publicado no jornal em 5 de abril de 1849 apresenta essa preocupação para com os círculos operários:

Agora, depois que nossos leitores viram a luta de classes se desenvolver, em 1848, em formas políticas colossais, é tempo de examinar mais minuciosamente as próprias relações econômicas nas quais se baseiam a burguesia e sua dominação de classe, assim como a escravidão dos trabalhadores.

²³ Muitos dos poucos militantes da Liga dos Comunistas se dispersaram pela Europa durante as Revoluções de 1848, atuando de forma descentralizada em vários territórios. Esse caráter corrobora para localizarmos o caráter internacional desse movimento e a importância dos jornais na formação dos revolucionários dispersos pelo continente, ao mesmo passo que também aponta para os seus limites. Todavia, isso não diminui o aspecto de relevância da educação revolucionária que fora estabelecida junto aos trabalhadores. Prova disso é a perseguição voraz, por parte do Estado, aos revolucionários, seja nas associações, clubes, jornais ou partidos.

²⁴ Engels, ao escrever alguns apontamentos históricos sobre esse período, nos possibilita uma aproximação do número de militantes da Liga dos Comunistas em 1848: "*So beförderten wir drei- bis vierhundert Arbeiter nach Deutschland zurück, darunter die große Mehrzahl der Bundesglieder*" (ENGELS, 1960, p. 588). Em tradução livre: "Então, levamos de trezentos a quatrocentos trabalhadores de volta à Alemanha, sendo a maioria deles, membros da Liga". Tratava-se de uma vanguarda, muito distante de um movimento comunista de massas (radicalmente distante da leitura romântica realizada por parte da tradição marxista hoje), ainda assim, repleta de tendências que contribuem para entendermos a fragilidade política da Liga dos Comunistas para atuarem de conjunto diante daquele momento histórico.

E, continua:

Procuraremos apresentar o assunto do modo mais simples e popular possível, sem dar como sabidos nem os mais elementares conceitos da Economia Política. Queremos ser compreensíveis para os trabalhadores. Ademais, domina na Alemanha a mais peculiar ignorância e confusão conceitual a respeito das mais simples relações econômicas, desde entre os defensores explícitos da situação existente até entre os *taumaturgos socialistas* e os *gênios políticos incompreendidos*, dos quais a fragmentada Alemanha é ainda mais rica do que de soberanos.

Passemos, pois, à primeira questão: *o que é salário? Como é determinado?* (MARX, 2020, p. 513)

De acordo com Livia Cotrim (COTRIM, 2007, p. 171), a direção da Associação deliberou a discussão dos editoriais “Trabalho Assalariado e Capital”²⁵, ainda antes do dilúvio acontecer. Se o ano de 1848 é marcado pelo acenso revolucionário, certamente o de 1849 é marcado pela consolidação da repressão às insurreições, que já se iniciavam por volta do ano de 1848. As associações foram duramente atacadas, assim como os clubes, jornais e demais atividades dos revolucionários. Leis, não tão novas, foram promulgadas com o apoio dos próprios democratas liberais, que após identificarem o proletariado como classe e com demandas muito mais profundas daquelas que possuíam a burguesia e a pequena burguesia, unem-se com a nobreza prussiana para reprimir seu antigo aliado de alguns meses: a classe trabalhadora.

220

A denúncia de todo esse processo reacionário, fora denunciado nas páginas da Nova Gazeta Renana. Seus presidentes e membros foram presos ou expulsos da Prússia. A contrarrevolução esmagava os revolucionários por todo o continente. Para os membros da Liga dos Comunistas, dissolvida nesse período, restava o exílio. A Inglaterra passou a catalisar esses militantes após a derrota dos revolucionários. Mas se se trata de uma derrota, trata-se também de uma vitória quando

²⁵ Um breve apontamento histórico para que o leitor realmente entenda o percurso de Marx que tratamos aqui: 1847 – Marx ministra conferências para os operários na Associação de Bruxelas, escreve suas anotações sobre o salário, os economistas burgueses, sobre a importância das associações, etc.; 1848 – Marx retorna para Alemanha, funda uma nova Associação, na cidade de Colônia, funda também o jornal Nova Gazeta Renana (NGR); 1849 – escreve uma série de editoriais, a partir das anotações de 1847, com o título: Trabalho Assalariado e Capital; A partir desses texto de 1849, no mesmo mês, o comitê dirigente da Associação dos Operários de Colônia, deliberam que debateriam os textos editoriais “Trabalho Assalariado e Capital; na sequência, a repressão se intensifica e em maio o jornal é fechado; Marx se vê obrigado ao exílio; vai para França, mas não é aceito em Paris; se vê obrigado a exilar-se em Londres.

colocamos todo esse processo de organização dos trabalhadores em uma perspectiva de luta permanente, ou “em permanência”, como escreveu Marx.

Embora a ressaca fosse o aspecto marcante, todo esse processo de luta e educação da classe trabalhadora, de Bruxelas à Colônia, possibilitava aos revolucionários uma experiência elevada diante da luta de classes. Os militantes da Liga dos Comunistas dirigiram associações, clubes e jornais. Se envolveram na educação e organização dos trabalhadores na luta direta contra o Estado constituído, seja pela burguesia ou a nobreza, e mesmo sob a aliança de ambas. Todavia, esse aspecto vitorioso não se deu sem lutas internas entre os revolucionários. As frações entre eles ficaram muito mais fortalecidas com a ressaca revolucionária. Houve ainda uma tentativa de reorganização da Liga dos Comunistas em Londres, e, de fato, ela foi reinaugurada, na tentativa de orientar os revolucionários dispersos (vários membros foram para os Estados Unidos). Em 1850, duas circulares (mensagens) foram escritas em Londres em nome do comitê dirigente da Liga, onde se apresenta um balanço²⁶ daquele período (a primeira em março e a segunda em junho. No mesmo ano, fundou-se em Londres a “Nova Gazeta Renana, Revista Econômico-Política” (*Neue Rheinische Zeitung, Politisch-ökonomische Revue*), como órgão de propaganda revolucionária (e que mantinha a denúncia de todo esse processo reacionário). A revista teve circulação até novembro de 1850. A repressão aos revolucionários continuava a todo vapor com os processos de Colônia, que buscavam incriminar os comunistas. Os anos cinquenta foram conturbados e terríveis para os revolucionários que se viram obrigados a conviver com os espiões de polícia, acusações criminais, processos, calúnias, falsificações, dificuldades privadas, etc. Em 1852, com a luta fracionária e o fim dos processos de Colônia em novembro, a Liga dos Comunistas é fechada no dia 17 desse mês.

221

Parte da tradição marxista postula que os anos cinquenta foram anos de calmaria para os revolucionários, principalmente para Marx, que supostamente havia se retirado para o gabinete de estudos. Discordamos desse ponto de vista, pois quando nos debruçamos sobre as fontes bibliográficas e documentais, o que observamos durante os anos cinquenta é uma série de eventos que preparavam a fundação da maior associação dos trabalhadores que temos registro. Nela, a preocupação marxiana com a educação revolucionária se mantém. Aquele princípio de educação como formação que visa a emancipação humana se eleva. As investigações sobre a Economia

²⁶ O trabalho organizado por Engels, “As Lutas de Classes na França de 1848 a 1850”, reúne textos de Marx que tratam desse período.

Política se desdobram, muito mais ricas de determinações e os estudos e militância continuam indissociáveis. A educação para além da escola formal, continua sendo a prática dos revolucionários. As aulas, conferências e atividades culturais mantiveram-se como ações educadoras propostas pelos revolucionários. É para onde apontam as fontes de pesquisas que utilizamos. Para finalizarmos, com apenas um exemplo fundamental, e que representa esse traço de continuidade de uma perspectiva de educação revolucionária, para além da regência do Estado: as conferências realizadas por Marx na Associação Internacional do Trabalhadores (a I Internacional), sob o tema, “Salário, Preço e Lucro”. Entretanto, abordar essa nova experiência revolucionária de 1865, aqui, neste artigo de apontamentos, extrapolaria a nossa proposta de introdução.

Considerações Finais

O que procuramos apresentar neste artigo foram alguns apontamentos sobre a perspectiva marxiana de educação em uma perspectiva revolucionária. São muitos aspectos que sugerem o desenvolvimento de problematizações importantes para pensarmos a ação educativa para além daquela regida pelo Estado. Trata-se de uma perspectiva, não da única. Todavia, estamos convencidos da sua importância, ainda hoje, quando parte da tradição marxista se encontra distante, afastada dos círculos operários.

As fontes documentais e bibliográfica, ainda nos possibilitam um universo de investigação bastante rico, principalmente com a recepção de novos materiais traduzidos para o português e mesmo de novas publicações em outros idiomas. Repensar Marx é uma tarefa permanente, e, neste sentido, esperamos ter contribuído para algumas reflexões sobre a educação para além do espaço escolar tradicional, com destaque às associações, o jornal e a luta organizada politicamente. Uma perspectiva de formação que visa a emancipação humana contínua, permanente, a partir de um conteúdo diretamente ligado às demandas da classe trabalhadora.

Evidentemente, apresentamos um artigo de introdução, que se preocupa em chamar para o debate, aspectos importantes para aqueles que se ocupam de refletir sobre um conceito de educação que não seja refém do mote central da Base Nacional Comum Curricular, ou ainda, que se oponha a perspectiva idealista propalada pelo Estado, reproduzida por uma legião de servidores. Nesses

termos, reafirmamos: neste caso, a escola, como a conhecemos hoje, está distante de ser o espaço central para esse tipo de educação que apontamos aqui.

Referências

BÜRGI, Markus. **Deutsche Arbeitervereine**. In: Historisches Lexikon der Schweiz (HLS), Version vom 31.08.2011. Disponível em: <https://hls-dhs-dss.ch/de/articles/016478/2011-08-31/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

COTRIM, Livia Cristina de Aguiar. **Marx: política e emancipação humana (1848-1871)**. 2007. 1024 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CZÓBEL, Ernst. **Der Kölner Arbeiterverein 1848/49**". Marx-Engels Archiv. Zeitschrift des Marx-Engels Instituts in Moskau. Hrsg. von D. Rjanzanov. Frankfurt a.M. 1926-27. Band I-II. Disponível em: <https://archive.org/details/marx-engels-archiv.-rjanzanov.-band-i-ii.-1926-1927/Marx-Engels%20Archiv.%20Zeitschrift%20des%20Marx-Engels%20Instituts%20in%20Moskau.%20Hrsg.%20von%20D.%20Rjanzanov.%20Frankfurt%20a.M.%201926.%20Band%20I/page/428/mode/2up?fbclid=IwAR1JLwCQSCi1382XiQCYGuisDN0_veGhP_CwrGCUILDc1kuGcKBflptYmc>. Acesso em: 25 abr. 2023.

ENGELS, FRIEDRICH. **Zur Geschichte des Bundes der Kommunisten [Einleitung zum Neuabdruck von Marx' Enthüllungen über den Kommunisten-Prozeß zu Köln", 1885]**. In: Karl MARX/FRIEDRICH ENGELS - WERKE, Band 8, Dietz Verlag Berlin, 1960.

GUMBEL, Peter. The World Economy. What Would Marx Think?. **Times**, Europe, Middle East and Africa, v. 173, n. 5, jan. 2009. Disponível em: <https://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1873191_1873190_1873188,00.html>. Acesso em: 16 abr. 2023.

HEINRICH, Michael. **Karl Marx e o Nascimento da Sociedade Moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra**. Volume 1: 1818-1841; tradução de Claudio Cardinali; São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário Escolar Latino-Português**. 2 ed. Rio de Janeiro: Mistério da Educação e Cultura, 1962.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Instituto José Luis e Rosa Sundermann. 2003.

MARX, Karl. **Crítica ao Programa de Gotha**. Tradução de Rubens Enderle; São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

MARX, Karl. **Nova gazeta renana**. Organização, introdução, notas e tradução de Livia Cotrim. 1.ed. - São Paulo: expressão popular, 2020.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Tradução de Edgar Malagodi; Editora Nova Cultural, 2005.

MARX, Karl. **Trabalho assalariado e capital & salário preço e lucro**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MEHRING, Franz. **Karl Marx – A história da sua vida**. Tradução de Paula Maffei. 2 ed. São Paulo: Editora José Luis e Rosa Sundermann, 2014.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **A história em Marx: um estudo sobre o presente como síntese de múltiplas determinações**. Práxis Editorial; São José do Rio Preto - SP, 2023.

MENEZES, Jean Paulo Pereira de. **O método em Marx: um estudo sobre o presente como síntese de múltiplas determinações**. Práxis Editorial: São José do Rio Preto – SP, 2022.

RIAZANOV, David. **Marx e Engels, uma biografia**. Tradução de Vanessa Dias; 1 ed. – São Paulo. Associação Operário Olavo Hansen; ISKRA, 2022.

SAVIANI, Dermeval. **A defesa da escola pública na perspectiva histórico-crítica em tempos de suicídio democrático**. Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 31, n. esp.1, p. 03–22, 2020. DOI: 10.32930/nuances.v31iesp.1.8279. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/8279>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11^a. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SCHULZ, Thomas; BEYER, Susanne; BOOK, Simon. Hatte Marx doch recht? **Der Spiegel**, Deutschland, Hamburg, n. 1. 30.12.2022. Disponível em:< <https://www.spiegel.de/wirtschaft/gruener-kapitalismus-die-chance-auf-eine-nachhaltigere-wirtschaftsordnung-a-00f49cb5-6509-456f-94ad-f420fab94200>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

TONET, Ivo. **Educação e idealismo “Eu Amo Minha Tarefa como Educador/a!!!”**. Plurais - Revista Multidisciplinar, v. 4, n. 3, p. 54-71, 6 maio 2020.

Recebido em: 28/04/2023

Aceito em: 26/05/2023

Publicado em: 29/05/2023

Total de Avaliadores: 02

Pareceres Abertos

Parecerista – Jucilene de Souza Ruiz

O artigo “Apontamentos para a Educação: Karl Marx e a Educação para Além da Escola” possui uma riquíssima fundamentação teórica, correspondendo ao objetivo proposto.

Considero o artigo como sendo de grande contribuição para a disseminação dos conhecimentos produzidos por Karl Marx, fundamentais para a formação humana e sua emancipação. Como o próprio autor sinalizou Marx legou um conjunto de experiências em relação ao acesso do conhecimento historicamente acumulado, no entanto, precisamos cada vez mais que os mesmos cheguem à classe operária, o qual foi centro das suas preocupações.

Ressalta-se, por fim pequenas correções encontradas durante a leitura do texto.

225

Parecerista – Mariana de Cássia Assumpção

O presente artigo está bem escrito e traz uma discussão importante: a formação humana para além da educação formal em Marx. Ao longo de todo o texto, que está bem fundamentado, o leitor é levado a problematizar, sem desmerecer a escola, a formação fora dela, com vistas ao processo revolucionário. Por esses motivos, considero o texto interessante pelo debate que suscita e a crítica que faz aos modelos curriculares como a BNCC. A bibliografia está coerente, o título é interessante, o resumo e as palavras-chave estão de acordo com o que é analisado.